

PRIMOS antissociais

Descobertas reforçam que o isolamento dos neandertais em pequenos grupos, com cruzamento entre parentes, pode ter levado a espécie à extinção. Ao contrário do que se pensava, eles eram resilientes ao clima e se adaptavam facilmente ao território

» PALOMA OLIVETO

Há mais de uma década, o estereótipo do homem das cavernas carregado pelo *Homo neanderthalensis* desde sua descoberta, no fim do século 19, tem se provado inverídico. Se, por muito tempo, o primo mais próximo do *Homo sapiens* foi considerado um brutamontes aculturado, hoje se sabe que ele exibiu comportamentos sofisticados, incluindo a prática funerária e a fabricação de adornos. Permanece, porém, a incógnita: por que eles desapareceram, cerca de 40 mil anos atrás?

Pesquisas publicadas neste ano trazem novas hipóteses que podem ajudar a elucidar o mistério da extinção neandertal, enquanto outras dão força a teorias já levantadas. É o caso de uma descoberta do Instituto Globo da Universidade de Copenhague, na Dinamarca. Fósseis da espécie descobertos recentemente em uma caverna no Vale do Rhône, na França, parecem apoiar a ideia de que a extinção tem relação com o fato de a espécie levar um estilo de vida antissocial.

“Quando olhamos para os genomas dos neandertais, vemos que são bastante endogâmicos (reprodução entre parentes) e, portanto, não têm muita diversidade genética. Eles viviam em pequenos grupos há muitas gerações”, diz Martin Sikora, um dos autores do estudo. Segundo o cientista, especula-se que, em comparação aos “primos”, os humanos modernos eram mais abertos a se relacionar com outros grupos populacionais, o que é uma vantagem para a sobrevivência.

Grupos

“Ser capaz de comunicar mais e trocar conhecimentos é algo que os humanos fizeram e que os neandertais, até certo ponto, podem não ter feito, devido aos seus estilos de vida isolados, organizados em grupos menores”, observa Tharsika Vimala, pesquisadora da Universidade de Copenhague e autor do artigo sobre a descoberta, publicado na revista *Cell*. Vimala conta que estudos genéticos demonstram que, na Sibéria, o *Homo sapiens* adotou uma estratégia de acasalamento entre pessoas de grupos diferentes, para evitar a endogamia. “Isso é algo que não vimos nos neandertais”, diz.

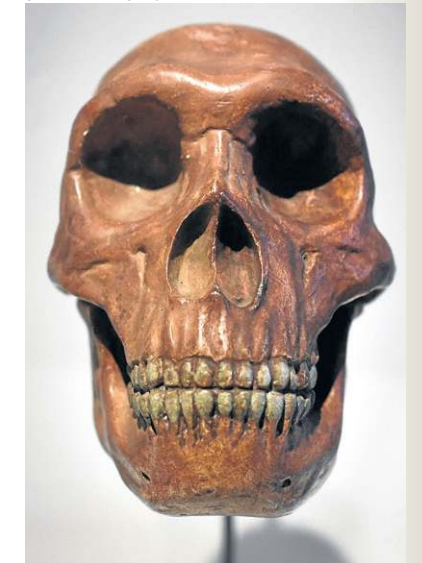
Os pesquisadores extraíram o DNA do dente do esqueleto neandertal encontrado na caverna do Vale do Rhône, fizeram o sequenciamento e analisaram o genoma nuclear — o material encontrado no núcleo das células. Para entender a história partilhada do indivíduo, o resultado foi comparado a dados genéticos de outros indivíduos.

Ludovik Slimak/Divulgação



Ossos encontrados em uma caverna no Vale do Rhône, na França, apoiam a ideia de que a extinção dos neandertais está associada ao comportamento antissocial

STEPHANE DE SAKUTIN



Crânio exibido no Museu do Homem, em Paris: ossos longos e sobrelanceira proeminente

Ficha técnica

» Os neandertais tinham um crânio longo e achatado, com uma sobrelanceira proeminente

» A parte central do rosto projetava-se para a frente e era dominada por um nariz muito grande e largo. Alguns cientistas pensam que a característica pode ter sido uma adaptação à vida em ambientes mais frios e secos. O grande volume interno do nariz teria atuado para umedecer e aquecer o ar que respiravam

» Seus dentes da frente eram grandes, e marcas de arranhões mostram que eles eram usados regularmente como uma terceira mão no preparo

Benoit Brummer/Divulgação



de alimentos e de outros materiais. Ao contrário dos humanos modernos, os neandertais não tinham muito queixo

» Os neandertais tinham corpos fortes e musculosos, quadris e ombros largos.

Os adultos cresciam até cerca de 1,50m-1,75m e pesavam entre 64-82kg. Os primeiros neandertais eram, em média, mais altos do que os posteriores, mas seu peso era quase o mesmo

» O tamanho do cérebro dos neandertais tardios variava de pelo menos 1.200cm³ a 1.750cm³. Isso é maior do que a média moderna, mas em proporção ao tamanho do corpo. Os crânios do *Homo sapiens* de cerca de 30 mil anos atrás também tinham cérebros maiores, em média, do que as pessoas de hoje

Fonte: Museu de História Natural da Austrália

Os pesquisadores também reavaliaram o genoma de outro espécime de neandertal tardio, encontrado anteriormente na França, e constataram que as linhagens eram diferentes, reforçando a ideia de que eles viviam em múltiplas comunidades isoladas. “É algo sobre o qual conversamos há algum tempo. Mas precisávamos de mais evidências, e essas são algumas das que procurávamos e precisávamos para descobrir a probabilidade da hipótese de extinção devido ao estilo de vida isolado. No entanto, precisamos de muito mais dados genômicos para

traçar um quadro melhor dessa história”, diz Tharsika Vimala

Adaptados

Na Universidade Nacional Australiana (ANU), em Camberra, os pesquisadores buscam pistas sobre a extinção neandertal em uma área desconhecida no sopé dos Pirineus do Sul, na Espanha. Abric Pizarro é um dos poucos locais em todo o mundo que datam de 100 mil a 65 mil anos atrás. Nesse local, os cientistas reuniram centenas de milhares de artefatos, incluindo ferramentas

de pedra, ossos de animais e outras evidências que fornecem dados significativos sobre a espécie.

Entre as descobertas, está a de que os neandertais foram capazes de se adaptar ao ambiente, desafiando a antiga crença de que mal conseguiram sair das cavernas. Segundo os pesquisadores, esses ancestrais conheciam métodos de exploração da área, e eram resilientes a condições climáticas adversas. “Eles eram adaptáveis”, conta a arqueóloga Sofia Samper Carro, principal autora do estudo.

Os ossos recuperados indicam

Na cozinha com os neandertais

É difícil saber o que os neandertais comiam: a preparação dos alimentos, especialmente quando se trata de presas pequenas como pássaros, deixa poucos vestígios arqueológicos. Mas, segundo Mariana Nabais, pesquisadora do Instituto Catalão de Paleocologia Humana e Evolução Social, na Espanha, é “fundamental para compreender esses homínidos incrivelmente adaptáveis, que prosperaram durante centenas de milhares de anos em ambientes extremamente variados”.

Nabais liderou um grupo de pesquisadores que, para investigar a preparação dos alimentos pelos neandertais, decidiu cozinhar como se fossem um deles. “Experimentos práticos enfatizaram os desafios envolvidos no processamento e cozimento de alimentos dos neandertais,

proporcionando uma conexão tangível com sua vida diária e estratégias de sobrevivência.”

Os cientistas recolheram cinco aves selvagens que morreram de causas naturais no Centro de Ecologia, Reabilitação e Vigilância da Vida Selvagem (Cervas), em Gouveia, Portugal. Eles escolheram dois corvos carniceros, duas pombas-de-coleira e um pombo-toraz, que são semelhantes às espécies que os neandertais comiam, e selecionaram métodos de cozimento usando evidências arqueológicas e dados etnográficos.

Assado

O experimento revelou que, em vez de destruir as aves cruas, provavelmente os neandertais as assavam na brasa até ficarem cozidas, uma solução mais fácil do

que destrinchá-las diretamente. “O processo de assar foi muito mais rápido do que prevíamos. Na verdade, passamos mais tempo preparando as brasas do que cozinhando, o que levou menos de 10 minutos”, revela Nabais.

A arqueóloga, porém, alerta que a pesquisa precisa ser expandida para se compreender melhor as dietas dos neandertais. A equipe já prepara estudos futuros, que devem incluir mais espécies de pequenas presas, assim como processamento de aves para produtos não alimentares, como garras ou penas. “O tamanho da amostra é relativamente pequeno, consistindo em apenas cinco espécimes de aves, o que pode não representar totalmente a diversidade de espécies de aves que os neandertais poderiam ter utilizado”, observou Nabais. (PO)

Mariana Nabais/Divulgação



Mariana Nabais demonstra técnica atribuída ao *Homo neanderthalense*